

## **Sem Açúcar e com Afeto: A Trajetória de Alexandre Carrieri nos Estudos Organizacionais**

**Elisangela Domingues Michelatto Natt**

### **Resumo**

O objetivo deste texto é demonstrar, parcialmente, a expressividade e importância que o Doutor Alexandre de Pádua Carrieri, Professor Titular no Curso de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, tem para a área de Estudos Organizacionais no Brasil. Sua *expertise* e características peculiares são apresentadas de um ponto de vista em particular, isto é, a partir da minha experiência de trabalho e convívio pessoal. Contudo, nos anos de proximidade com o Professor Carrieri e também com a pessoa do Alexandre, pude constatar a dedicação e a paixão que ele tem em proporcionar aprendizado e fazer pesquisa. Homem brilhante, de excelente caráter, com valores sublimes e de muito respeito ao próximo. Academicamente admirável. É assim que posso defini-lo inicialmente, mas também vale ressaltar que, mesmo sendo um crítico do produtivismo exacerbado – quando esvaziado de sentido – o Professor Carrieri é um profissional de produção expressiva, tendo contribuído, em 16 anos, com a publicação de 185 artigos científicos, nos mais variados periódicos da área. Organizou 11 livros de importante impacto para os Estudos Organizacionais. Escreveu 56 capítulos de livros. Produziu 97 trabalhos completos publicados em anais de congressos, 12 resumos expandidos e 75 resumos. Apresentou 49 trabalhos em eventos da área. Orientou 30 dissertações de mestrado, 22 teses de doutorado e uma supervisão de pós-doutorado. Participou de 74 projetos de pesquisa e foi coordenador em 34 deles. Em suma, um homem que faz a crítica sem deixar de fazer, com maestria, a sua parte.

### **Palavras-chave**

Estudos Organizacionais. Alexandre Carrieri. Educador. Pesquisador. Trajetória.

**Abstract**

The purpose of this text is to demonstrate, in part, the expressiveness and importance that Dr. Alexandre de Padua Carrieri, Full Professor in the Administration Course of the Economic Sciences School of the Federal University of Minas Gerais, has regarding Organizational Studies in Brazil. His expertise and peculiar characteristics are presented from a particular point of view, that is, from my work experience and at a personal level. However, in the years of proximity to Professor Carrieri, and also to Alexandre as a human being, I could see the dedication and passion he has in providing learning and making research. A brilliant man, excellent character, with sublime values and a lot of respect for others. Academically admirable. This is how I can define him initially, but it is also worth emphasizing that, even though he is a critic of exacerbated productivism – when it is meaningless – Professor Carrieri is a professional of expressive production, having contributed, throughout 16 years, to the publication of 185 articles in most journals in the area. He has also organized 11 books of important impact for Organizational Studies. He has written 56 book chapters. He has produced 97 full papers published in congress proceedings, 12 expanded abstracts and 75 abstracts. He has presented 49 works in events of the area. He has mentored 30 master's dissertations, 22 doctoral theses and a postdoctoral supervision. He has participated in 74 research projects and has coordinated 34 of them. In short, he is a critic and a performer.

**Keywords**

Organization Studies. Alexandre Carrieri. Educator. Researcher. Trajectory.

**INTRODUÇÃO**

Quando recebi o convite para contribuir com a homenagem que seria feita ao Professor Carrieri, eu fiquei muito feliz, dada a importância que ele tem em minha vida, tanto no aspecto profissional quanto pessoal, por se tratar de uma pessoa pela qual eu tenho muito respeito e apreço. Aceitei prontamente e desliguei o telefone eufórica. Minutos depois, dei-me conta de que não era algo tão simples e que seria um desafio, tamanha a responsabilidade que eu acabara de assumir ao aceitar escrever sobre o acadêmico e a pessoa. Fiquei pensando em como faria isto sem ser inconveniente ou exagerada, sem promover alguma exposição indevida, mas sem também deixar de fora histórias e características que o tornam especial.

Passada a euforia e o posterior medo da responsabilidade, resolvi sair escrevendo, livremente, sempre a partir da experiência que tive ao morar em Belo Horizonte por pouco mais de quatro anos, quando fiz o meu doutoramento, orientada por ele. Não só para as questões do doutorado e da tese, mas para questões profissionais e da vida em geral. Um homem sábio, mas sem firulas. Sem meias palavras, pois não faz questão de pompas e circunstâncias, ao contrário, costuma rejeitá-las. Decidi então que seria honesta. Que contaria o que vi, senti

e vivi em nossos encontros, bem como a importância dele para mim e para tantos outros acadêmicos que conheci. Decidi falar sobre o brilho nos olhos que ele tem quando entra em sala para dar aula na graduação. Sim, ele é o grande pesquisador e Professor titular que atua no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu*, mas que gosta muito, de ministrar aulas para a graduação. É lá que eu, algumas vezes, o vi se divertir muito.

Ficaria páginas e páginas falando das aulas, das conversas, dos grupos de estudos, dos cafés da tarde, das suas habilidades de conselheiro afetivo, de *chef* de cozinha, artesão, entre tantas outras habilidades humanas que ele dispõe, mas precisava escrever sobre a importância que esse homem tem para a Administração, em especial, para a área de Estudos Organizacionais. Poderia ter ido direto ao ponto, dada a quantidade de projetos e produções deste acadêmico, mas não dá para deixar de mencionar que esse fenômeno das publicações científicas só é o que é porque, antes, é uma pessoa especial. Senti que era preciso falar do homem que perpassa o cientista. O homem que em 16 anos escreveu e teve publicados, sozinho, e ao lado de outros pesquisadores, 185 artigos científicos, nos mais variados periódicos da área. Organizou 11 livros de importante impacto para os Estudos Organizacionais. Foi autor e coautor de 56 capítulos de livros. Produziu 97 trabalhos completos publicados em anais de congressos, 12 resumos expandidos e mais 75 resumos. Apresentou 49 trabalhos em eventos da área. Orientou 30 dissertações de mestrado, 22 teses de doutorado e uma supervisão de pós-doutorado. Participou de 74 projetos de pesquisa, sendo coordenador em 34 deles. Em suma, um homem que, só pelos números, já faz parte da história do ensino e pesquisa da Administração no Brasil.

Entretanto, o Professor Carrieri não é um homem só de números. A relevância das suas pesquisas ultrapassa as estatísticas. A importância que ele tem para a área está muito além do volume de suas produções. Ao participar como membro suplente, depois titular e coordenador, do Comitê de Assessoramento de Administração, Economia e Contabilidade do CNPq, deu visibilidade às pesquisas específicas da área, uma vez que, dentro dos parâmetros éticos e respeitando todos os requisitos e critérios, sempre defendeu as pesquisas qualitativas, sem nunca desqualificar as demais. Ao ser coordenador da divisão acadêmica de Estudos Organizacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) também contribuiu para elevar a área e apoiar as boas práticas de pesquisa. Contudo, se eu fosse escrever um texto sobre tudo o que o Carrieri já produziu enquanto pesquisador, docente e membro ativo da comunidade acadêmica, teríamos um livro, e daqueles bem extensos. Sendo assim, vou escrever a partir da minha experiência, do meu ponto de vista. A partir da oportunidade que tive em poder aprender e partilhar histórias com essa pessoa tão afetuosa e nada doce – mas só para os que não o conhecem de perto.

## **MAIS QUE O CARRIERI, O ALEXANDRE**

Seria impossível falar sobre o que o Carrieri representa para mim sem que eu, primeiro falasse da pessoa que ele é. Embora nossos caminhos só tenham se cruzado por causa da Academia, ele é daqueles tipos de pessoas que a gente não pode morrer sem antes conhecer.

Exagero? Não. Esse é meu ponto de vista. É deste ser humano que eu falo, que só é o que é porque primeiro é gente, depois pode até se render, em alguma medida, às imprescindíveis conveniências, mas nunca sem contestar. Sabe aquele tipo de profissional ovacionado até meados dos anos 90? Aquele do tipo funcionário do mês, que deixa os problemas em casa, que é uma máquina de trabalhar, que traz aquela rigidez acética da ética protestante descrita por Max Weber (2007)? Então, esse não é o Carrieri. Ele sabe dosar as coisas como eu nunca vi em outra pessoa. Ele é do axé quando é axé e é da valsa quando se trata de valsa. Ele tem duas, três, quatro caras? Não, como diria Bourdieu (1983; 1990), ele apenas sabe jogar o jogo, e joga com a maestria do jogador que conhece, como poucos, todas as regras.

O Carrieri que eu conheço faz lindas luminárias em vidro. Sim, ele é talentoso para as artes e prendas domésticas! Cozinha muito bem e faz artesanato de primeiríssima linha. Também é um ótimo contador de histórias. Conversar com ele é como assistir uma grande comédia, às vezes romântica, outras vezes trágica. Ele tem o enredo, tem o tom e o tempo para o melhor relato da trama. É um artista que, por sorte do destino, virou Professor. Sim, este homem com 185 artigos publicados é um grande Professor e, eu arrisco dizer que ele é mais Professor do que pesquisador. Porque eu já vi o brilho em seus olhos quando ele entra em sala de aula. Ele adora, e faz um tipo de que não está nem aí, dá broncas, pega no pé, brinca daqui e dali, é altivo quando necessário, acolhedor e resoluto quando preciso.

Tive o prazer de dividir uma disciplina com ele quando fiz o meu estágio docente na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Imaginem a situação, eu estudante, dando aula junto com ele, o CHEFE! Mas foi incrível, ele não deve fazer ideia do quanto me proporcionou aprender. E ele me respeitava e posicionava em sala de aula de igual para igual. Acreditem! Quanto respeito! Jamais pensei que fosse possível absorver tanta coisa. Eu me sentia uma criança diante da vitrine de doces: quantas opções, quantas cores! E eu tive a mesma sensação sendo sua aluna em disciplinas do Doutorado. Então, tive a sorte de conhecê-lo como colega, aluna e orientanda. Que privilégio! Poucas coisas na vida me orgulham tanto.

Quando o observava dando aula admirava o seu tom de voz, o humor, a maneira como conduzia as discussões, como contagiava os alunos e como os provocava o tempo todo. Ele tem o gozo em instigar e arrancar reflexões. Ele não dá moleza, mas é doce em seu azedume do mau humor matinal ou das aulas após o almoço, do qual ele não pôde desfrutar (eu o vi várias vezes deixar de almoçar para dar atenção para um ou outro aluno, e, muitas vezes, nem eram questões acadêmicas, era só pra ser um ombro amigo mesmo). Sou psicóloga e posso dizer, ele poderia ser um, mas seria dos bons, tem todo o timbre, toda a sensibilidade e é magnético. Os alunos o cercam sem muitas vezes entender o que os atraiu. Mais tarde eles descobrem. Aliás, no meu caso, foi diferente de alguns dos que vi sendo orientados por ele. Eu saí de uma cidade no interior do Paraná, lá fiz minha graduação e meu Mestrado. Numa ótima instituição, tanto que foi lá que soube da existência dele. Um professor de Administração Mercadológica me indicou um livro organizado por ele e mais tarde, minha orientadora, a qual também indicou alguns dos trabalhos do Carrieri como referência na disciplina obrigatória da área, me apresentou a ele.

A primeira impressão que tive quando o conheci pessoalmente foi um certo estranhamento. Dada a importância que ele tinha no meio relacionado à área de Estudos Organizacionais (EO) e na Administração como um todo. Ele vestia uma calça de sarja ou brim (algo nesse sentido) de uma cor estranha, acho que cáqui. Uma camiseta vermelha um pouco desbotada e tinha sobre sua cabeleira, um boné com o símbolo do comunismo e na cintura, uma pochete. No grupo de pesquisadores que ali estavam, os sujeitos que ocupavam posição semelhante, e até mesmo inferior, vestiam-se com certa pompa, principalmente se estivessem compondo alguma mesa, de abertura, discussão ou encerramento de um evento. Para a nova geração, isso é diferente, mas, naqueles anos, e para a velha guarda, o ritual envolvia uma certa estilística. Havia a demonstração de um fazer saber-se importante, e fazer-se reconhecer também pela aparência. Eu o admirei ainda mais naquele momento, pois, em minutos, ele estaria na mesa de abertura do evento, o qual, até então, era o mais importante para a área de EO. E para imaginarem o quanto ele destoava dessa estética entre os grandões, o evento era compartilhado com a área de Administração Mercadológica, quase sempre cheia de muita pompa.

Salvo esse estranhamento e admiração instantâneos, naquele dia, eu tinha conhecido uma das pessoas mais importantes na minha vida, seja em sentido pessoal ou acadêmico (se é que dá para separar as duas coisas). Como eu cresceria a partir daquele dia e como eu também tomaria a ideia da minha paixão pela docência e pela pesquisa. Eu não tinha me dado conta de que ao fazer os bacharelados em Administração e Psicologia, o mestrado, outros cursos e buscar pelo doutorado, eu estava buscando algo esvaziado de sentido para mim, algo que tinha apenas um significado formal, o bacharelismo, a doutorite (inflamação no Ego causada pelo título de doutor). O sentido intrínseco que o significado destas coisas me deu foram construídos pelo resgate que minha orientadora de mestrado e depois o Carrieri me ajudaram a fazer em torno da minha própria história, em torno de quem eu era e porque eu estava ali. O que eu poderia fazer ou representar como docente e como pesquisadora. Da busca pelo *status*, eu passei a buscar o sentido, um significado.

O Alexandre foi, para mim, o divisor de águas entre o objeto e o ser. Eu não costumo o chamar de Alexandre, visto que o conhecemos por Carrieri no meio acadêmico, contudo, preciso chamá-lo de Alexandre aqui, porque ele é quem comporta e suporta o Carrieri, é do Alexandre que precisamos falar. Ao fazer essa reflexão, lembrei-me de um adorável momento em que sua esposa, Ana Rosa, após um comentário meu sobre ele, me disse: “Acho tão estranho vocês o chamarem de Carrieri. Ele é o Alexandre”. Naquele dia, dei-me conta do privilégio do qual eu estava desfrutando, eu estava ali, diante do Alexandre, O Grande! Grande na voz, nas roupas despachadas, no riso alto e no deboche. Grande de coração, um homem que faz certa questão de se mostrar rude, difícil, mas que é pura sensibilidade. Por traz daqueles bonés e sob o som daqueles berros, um homem com alma de menino. Com deliciosas histórias para contar, com uma vida repleta de lutas e com o ar de gozo que só os bons podem ter.

Esse Alexandre é daqueles caras engraçados, mais azedos! Não se enganem. Mas a doçura e o azedume são o tempero que o fazem tão especial quanto é. Do fazedor de artigos e de pesquisadores, temos um arcabouço de possibilidades. Ele desperta-nos para quem

somos, para o olhar sobre o quê, de nós, pode ser verdadeiramente útil e importante para a construção da área de Estudos Organizacionais no Brasil. Ele acredita no que podemos fazer e isso nos compele a fazer o nosso melhor. Ele faz perguntas, ele conta histórias, ele nos provoca. Diz que a neutralidade científica não existe e que toda ciência é uma construção social. Contudo, ele preza pela ética, pelo posicionamento, pela necessidade de que assumamos nossos vieses, de que façamos a ciência na qual estamos engajados, mas que a façamos com honra e dignidade. Que ela também nos faça sentido. Ele consegue nos convencer a ler em torno de 500 páginas de uma semana para a outra (quando ministra a disciplina obrigatória da área no Programa do qual faz parte – Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração – CEPEAD/UFMG) sem que o odiemos ou o xinguemos ou qualquer outra coisa que nós acadêmicos costumamos fazer enquanto estudantes ao sermos cobrados ao limite. E não tem choro, toda semana um indivíduo pode ser sorteado a apresentar a sua experiência de leitura em sala de aula. Mesmo assim, nós o amamos. Saímos das aulas sempre muito orgulhosos dele e de nós mesmos por termos descoberto coisas tão interessantes a partir das suas “sugestões” de leitura.

Os almoços entre uma aula e outra, as risadas, os falatórios, às vezes sem nexos. O pote de jujubas do seu gabinete de Professor Titular, que ele divide com todos nós. Os penduricalhos no teto desta mesma sala, as carrancas, a nossa própria biblioteca NEOS (Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade) – porque ele investe em livros para o acesso mais fácil de seus alunos –, está tudo lá, disponível para quem quiser chegar. Inúmeras vezes vi colegas de outras linhas e orientados por outros professores rondando sua sala, sempre cheia, com gente em pé, outros sentados, só querendo um pouco da atenção que ele destinava a todos nós, seus orientandos. Conosco, ele esbravejava, cobrava, brigava, ameaçava que faria isso ou aquilo e que se continuássemos tão moles, ele deixaria de nos orientar. Nós nunca acreditamos nele, mas buscávamos melhorar nossos comportamentos, porque ele estava certo e porque merecia que déssemos o nosso melhor. Mas a gente sabia que ele não deixaria de nos orientar e que iria conosco até o fim. Ele é leal às suas empreitas e nós éramos suas apostas. Ele sabia quando estávamos ou não estávamos bem, e sempre fazia aquela pergunta certa para que pudéssemos nos abrir com ele e receber aquele incentivo que só tinha valor, porque era proferido por ele. É deste ser humano que precisamos tomar conhecimento para, então, irmos ao Lattes, pois ele só é, pública e profissionalmente o que é, em decorrência da sua humanidade. Ele só revoluciona a área de EO, porque ele é revolucionário em sua essência, à sua maneira e sendo afetuoso e acolhedor, porém, sem meias palavras e com pouca paciência para melindres.

## **A TRAJETÓRIA**

Agora, vamos aos fatos e ao Lattes. Esse homem, que não sei ao certo quando se descobriu professor, ainda na adolescência decidiu fazer sua graduação em Zootecnia, na USP, logicamente. Era uma exigência da mãe. Mas por que zootecnia? Provavelmente para contrariar alguém ou alguma obviedade, já que se tratava de um rapaz da cidade grande, cosmopolita, uma das dez maiores cidades do mundo, para a qual o que pertence “ao rural”

– como diria ele, não faz muito sentido. Contudo, “o agro é pop, o agro é tec, o agro é tudo” e faria sentido economicamente, ou não. Formou-se em 1984 e foi atuar num tal de mercado (ele sempre questiona essa palavra no sentido econômico e ambiental das organizações), executando negócios para o agro. Tempos depois decidiu fazer um mestrado em Administração Rural, e lá foi ele para o interior de Minas Gerais, onde, talvez, começou a se reconhecer professor. Foi onde conheceu a Ana Rosa, sua esposa, uma colega de turma com a qual ele tinha afinidades e uma das pessoas da classe com as quais ele também dividia uma república estudantil.

Defendeu sua dissertação em 1992, a qual tratava da “A racionalidade administrativa: os sistemas de produção e o processo decisão-ação em unidades de produção rural”. Tornou-se um apreciador e fazedor de boas pesquisas. Depois disso, decidiu fazer um Doutorado em Administração e foi para a Universidade Federal de Minas Gerais, onde leciona até hoje. Defendeu sua tese sobre “O fim ‘do Mundo Telemig’: a transformação das significações culturais em uma empresa de telecomunicações?”. E agora, tínhamos um Zootecnista na Administração que falava sobre símbolos, significações e cultura. Voltando a contrariar, e fazendo o que ele mais gosta, provocar. Provocar reflexões, angústias, questionamentos. Querem pensar em *business*, pensem. Mas não se trata de algo tão óbvio quanto ao que se prescreve em Administração ou áreas afins. Ele queria desconstruir, reconsiderar o lugar da gestão e dos gestores. E é o que vem fazendo desde então.

Vem revolucionando a área de estudos organizacionais e sociedade a partir de suas pesquisas, participação e coordenação de projetos científicos e estimulando jovens pesquisadores, incentivando-os a seguirem seus corações e fazerem pesquisas que lhes faça sentido, pois só assim podemos produzir coisas reais, que também tenham significado para a sociedade, como um todo. A gestão está presente em tudo e, em todos os lugares onde existe administração, existe também a possibilidade de realizarmos pesquisas científicas sobre esse fazer. Aprendi com ele que a pesquisa é, ao mesmo tempo, uma possibilidade de desvelar o que está oculto e um agir em torno dos acontecimentos que perpassam a vida do homem ordinário. Com ele, aprendi que, por mais genial que uma pessoa possa ser, se não souber olhar nos olhos de quem ali está, à sua frente, e ser capaz de acolher o pesquisador/aluno/estudante/colega de trabalho, de nada vale o seu brilhantismo. Com ele, desenvolvi a paixão pela sala de aula. Aprendi que professor não é, e não tem que ser, uma autoridade. O professor é o mediador, é aquele que até dá o norte, mas partilha seus conhecimentos e indagações. Carrieri tem seu jeito especial de fazer a história, de fazer pesquisa, de dar aulas e motivar.

Foi em 2001 que Alexandre de Pádua Carrieri se tornou Doutor (aqui ele diria: Ah Doutor! Grande Coisa!). De lá para cá, vem desenvolvendo pesquisas sobre os temas mais variados, demonstrando a pluralidade das ciências sociais aplicadas, na figura das ciências da gestão, e sua versatilidade enquanto pesquisador. Desde o seu primeiro projeto, entre 1992 e 1995, sobre Microbacias Hidrográficas do Estado de São Paulo, até o mais atual, ainda em andamento, sobre “A polifonia da gestão ordinária no cotidiano dos negócios de trabalhadores ‘por conta própria’: um estudo das relações poder/resistências nos espaços heterotópicos da economia popular de Belo Horizonte”, foram muitos os problemas de pesquisa sobre os quais se debruçou ao lado de sua equipe, e em todos eles, Carrieri estava

orientado para a compreensão do fazer em administração, fosse em que contexto fosse. Ele se tornou o grande representante dos estudos sobre gestão, principalmente pelo fato de que não desconsidera os pequenos negócios, os sujeitos do cotidiano e os jogos envolvidos nas tratativas do dia a dia, nem sempre mencionados nas ciências da gestão. Carrieri optou pela transparência, pelo olhar ao que é estranho ao *mainstream* da área. Ele foi e vai atrás da gestão onde quer que ela esteja. Seja em cooperativas de pequeno e médio porte, seja no contexto da bioeconomia, na gestão dos recursos hídricos, no futebol, no agro, na medicina, no agreste pernambucano, na política, nos estaleiros, nas artes populares (todos projetos em andamento), nos sindicatos, em contextos de envelhecimento, nos eventos festivos, na arte da catira, nas oficinas de artesanato, na saúde pública, na construção do cotidiano dos bairros, na morte enquanto um negócio para o mundo moderno, no comércio de bebidas, no cotidiano das empregadas domésticas, nas galerias populares, na ralé, nas organizações de governo, na estética do trabalho, no cotidiano dos circos, na violência e homossexualidade, nas relações de gênero – sejam elas sobre feminilidades ou masculinidades –, nas revistas de negócios, nas usinas de exploração de minérios, no teatro, na economia informal, nos shoppings populares, nos contextos experienciados pelos caixeiros viajantes, na própria escola de administração brasileira, na burocracia, nas empresas familiares, na mercantilização da cultura e dinâmica simbólica, nos fazeres e saberes que percorrem a Estrada Real, no setor de calçados, na feira *hippie* e no setor alimentício.

Ao lado de outros profissionais da área, Carrieri organizou onze livros, sendo os dois últimos sobre a temática gênero. Em um deles (CARRIERI; TEIXEIRA; NASCIMENTO, 2016), levantam questões sobre gênero e trabalho, no qual traz à tona uma gama de pesquisas e reflexões sobre a hegemonia da gestão masculina, branca e heterossexual, cuja construção se dá em torno de relações de poder instituídas ao longo de nossa história, instituindo normas de gênero, de sexualidade e raça. Além de trazer perspectivas epistemológicas distintas, o livro permite ainda a reflexão sobre em quais campos a temática pode ser trabalhada e investigada. Trata-se de um incentivo à continuidade para pesquisas nesse sentido na área de EOs. No outro (VIEIRA; CARRIERI, 2016), os autores que colaboraram com o livro versam sobre gênero e saúde na dinâmica do trabalho, retomando a importância dos estudos de gênero na área dos estudos da gestão no Brasil, evidenciando o crescente aumento nas publicações desde a década de noventa e retratando a importância do tema, o qual tem estado em trabalhos inovadores quanto às abordagens teóricas, mas que ainda está em desenvolvimento. Vieira e Carrieri (2016) compreendem o gênero a partir das relações socialmente atribuídas de acordo com os sexos, o que muda de acordo com o contexto histórico. Para os autores, as interfaces sobre gênero, trabalho e gestão podem ser profícuas para a reflexão sobre as desigualdades presentes na nossa sociedade, uma vez que a escolha da profissão e área de atuação profissional contribui para a construção de identidades, em espaços permeados por relações de poder definidores de posições, reconhecimento e valorização social de uns, em relação aos outros.

Novamente, Carrieri envolve-se com um projeto no qual se destacam as relações atribuídas conforme as diferenças sexuais, tais como as diferenças na distribuição dos cargos e garantias de acesso aos planos de carreira e as relações de poder no campo do trabalho. Também organizou livros com o intuito de demonstrar a permeabilidade dos jogos sociais

no âmbito das organizações (SARAIVA; ENOQUE; CARRIERI, 2014; CARRIERI; SOUZA-RICARDO, 2012; CARRIERI; SOUZA, 2011). Realizou trabalhos orientados à compreensão dos aspectos identitários nos ambientes corporativos (CARRIERI *et al.*, 2010), investiu na Análise do Discurso para a realização de pesquisas na área de EOs, entendendo que as falas, os lugares de onde elas são enunciadas, bem como os posicionamentos de quem fala, são também permeados pela política (CARRIERI; SARAIVA; PIMENTEL, 2009). Para Alexandre, os aspectos simbólicos (CARRIERI; SARAIVA, 2007) imbricados na cultura (CARRIERI; CAVEDON; LEITE-DA-SILVA, 2008), nas relações familiares, nas maneiras como são geridas as organizações brasileiras (CARRIERI; SARAIVA, 2008), nas trocas simbólicas entre e intra organizações, requerem estudos e olhares atentos, a fim de desmistificar o papel, falido, do gestor que planeja, organiza, direciona e controla os recursos. Carrieri e seus parceiros se mobilizam para desconstruir conceitos e crenças ultrapassadas, não apenas quanto ao fazer da gestão, mas também sobre o ensinar a gestão (RODRIGUES; CARRIERI; LUZ, 2003).

O fato é que Carrieri sempre esteve disposto a se debruçar sobre o impensado na Administração, sobre aquilo que é marginal. Brigou e ainda briga muito para que a gestão ordinária seja colocada em pauta. Criticou a herança do mundo anglo-saxão como verdade absoluta sobre a ciência da administração no Brasil. Entendeu que o homem brasileiro tem uma história que o coloca em situação diametralmente oposta à dos norte-americanos, por exemplo. Falou sobre a gestão do homem simples (CORREIA; PEREIRA; CARRIERI, 2019; SANTOS; CARRIERI; OLETO, 2019), dos homens dos agronegócios (CARRIERI *et al.*, 2018), das racionalidades tipicamente brasileiras (SANTOS; COUTO; CARRIERI, 2018) e dos negócios de sobrevivência (SANTOS; CARRIERI, 2018).

Carrieri estimulou suas alunas a falarem de si mesmas, a ousarem compreender os seus papéis na cena organizacional. Fez com que pensassem de onde vêm e para onde vão as ideias sobre os espaços destinados aos homens e às mulheres (CARRIERI *et al.*, 2013; VIEIRA *et al.*, 2017; NATT *et al.*, 2017; SOUZA; CARRIERI, 2010; NATT; CARRIERI, 2016b) no mundo corporativo e/ou nas atividades movidas pelo, ou para, o capital. Fez antifeministas se descobrirem as mais feministas possível. Fez muita gente repensar o seu lugar nos estudos sobre Administração. Não que ele enquadrasse esse ou aquele sujeito conforme suas origens ou experiências prévias apenas, mas ele os convocava a refletir sobre suas reais condições de acesso ou apropriação do conhecimento, e dos mecanismos de constituição dos sujeitos docentes e/ou pesquisadores. Ele sempre nos convida a pensar. A questionar. A não se contentar com menos.

Durante os 16 anos em que publicou os seus 185 artigos, trabalhou temas relacionados ao cotidiano da gestão brasileira e, mesmo que talvez ainda não soubesse que estava traçando o seu viés (o da gestão ordinária), em 1993, já se observa uma inclinação para isso quando começam suas publicações sobre a agricultura (CARRIERI; AGUIAR, 1993; AGUIAR *et al.*, 1993; CARRIERI; AGUIAR; MOURA-FILHO, 1993), que seguiram sendo multiplicadas durante os nove anos seguintes (SANTOS; SOUZA; CARRIERI, 1994; CARRIERI; BASTOS-FILHO, 1994; OTANI *et al.*, 1994; OTANI *et al.*, 1995; CARRIERI; AGUIAR, 1995; MACHADO; CARRIERI; FERREIRA, 1995;

CARRIERI *et al.*, 1995; OTANI; CARRIERI; ANGELO, 1996; VEIGA-FILHO *et al.*, 1996; CARRIERI; MONTEIRO, 1996; CARRIERI, 1997; DINIZ; JUNQUILHO; CARRIERI, 2002).

Enquanto repensava o *mainstream* da gestão e questionava a divergência explícita entre o fazer e o ensinar da gestão no Brasil, Carrieri também se preocupou com questões relacionadas a pesquisa, epistemologia, produção e método. Publicou 11 trabalhos nesse sentido (VIEIRA; CARRIERI, 2001; CARRIERI; PIMENTEL; CABRAL, 2005; TEIXEIRA; CARRIERI; OLIVEIRA, 2012; SOUZA; CARRIERI, 2012; TEIXEIRA *et al.*, 2012; NATT; CARRIERI, 2014; TEIXEIRA; ZANOTELI; CARRIERI, 2014; QUARESMA; CARRIERI, 2015; CARRIERI *et al.*, 2016; BRETAS; CARRIERI, 2017; COUTO; CARRIERI; CKAGNAZAROFF, 2019). Para Bretas e Carrieri (2017), essa reflexão se faz necessária, principalmente, quando consideradas as relações que perpassam as organizações. Embora uma série de pesquisas no âmbito da Administração e dos EOs versem sobre a compreensão das complexidades e resistências nas organizações, sob diferentes perspectivas, quando se tratam dos pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos, tais pesquisas são pouco problematizadas, deixando escapar as resistências enquanto práticas sociais no meio corporativo, bem como no meio em que se produz a ciência sobre a Administração.

É por essas e tantas outras preocupações que Carrieri se destaca entre os pesquisadores da área. Ele instiga e convida a pensar. É nobilitante quando se trata de questionar e não se limita aos cerceamentos aos quais, vez ou outra é submetido. Já foi tachado de não fazer pesquisa de verdade – nos moldes das ciências exatas, ou naturais, ou da *hard science*. Já até lhe atribuíram a pecha de fazedor de folclore. Mas nada disso o desencoraja. Aliás, ele brinca com isso e segue fazendo seu trabalho e nos instigando a pensar.

## **NOSSA PARCERIA**

Já mencionei aqui nosso encontro, mas preciso retomar esse ponto. Sabe quando você é apresentado a uma pessoa e sabe que vai gostar dela? Então, foi o que aconteceu. Aquele sujeito rabugento que conheci num Encontro Nacional de Estudos Organizacionais da Anpad (EnEO), em Curitiba – não me lembro bem o ano, mas isso não importa –, me cativou desde o primeiro instante. Eu, menina do interior, de uma cidade com aquela cultura peculiar e facilidade para o deslumbre, adepta dos aparatos solenes e das magnificências, achei incrível alguém tão importante ser tão despojado. Ele não tinha a menor cautela com o tom de voz, falava como lhe convinha e como era de seu costume. Paulistano, descendente de italiano, aliás, não fala, grita! E ele fazia bem esse papel. Era o único professor que não estava circulando entre os outros professores. Ele estava rodeado de alunos, nenhuma outra “referência” – ou estrela, como preferirem – estava com ele. Ele visivelmente gostava da companhia dos alunos. Me encantei com aquilo, mas porque era autêntico. Não o notei fazer questão de qualquer coisa que não fosse o que ele queria fazer ali. Eu sou uma pessoa observadora e pude ver a diversão nos olhos daquele homem que esbravejava com seus “seguidores” (ele certamente vai resmungar quando ler isso e dizer algo do tipo: – Agora

virei o quê, para ser seguido!?).

Daquele encontro em diante, eu estava decidida, faria o doutorado sob a orientação dele. Nada disso fazia sentido, é claro. Eu, casada, menina do interior do Paraná, com emprego fixo, casa e marido para cuidar, iria para Belo Horizonte como? Qual seria o caminho? Eu não fazia ideia, mas sabia que iria. Nessa época, Elisa, minha orientadora de mestrado, estava fazendo seu estágio Pós-Doutoral sob a orientação do Carrieri, por isso tive a oportunidade de conhecê-lo, pois ela, sempre generosa, me apoiou nessa ideia maluca. Foi uma grande aliada aliás. Levou meus textos até ele, falou sobre mim, nos apresentou e fez recomendações sobre o meu trabalho. E foi assim que nos aproximamos. Fiz a inscrição para concorrer a uma vaga no CEPEAD/UFMG no final de 2012. Fui até BH dias a fio para levar documentos, trocar documentos, complementar documentos etc. Tudo parecia não contribuir. Nada dava certo, mas lá estava eu, com uma nota do Teste Anpad que me classificava para a segunda fase, e com um projeto em mãos. Eu pretendia dar continuidade à minha pesquisa sobre a geração de hidroenergia no Brasil, bem como suas implicações para a economia e para a sociedade como um todo. Fui para a entrevista e os avaliadores foram bem duros, imediatamente imaginei que não passaria, depois, comecei a torcer e esperar, com aquele fiozinho de esperança. Decidi que se não me classificasse daquela vez, eu seguiria tentando até conseguir ser orientada pelo Professor Carrieri. Ou seja, me convenci de que era apenas uma questão de tempo.

Ainda em dezembro do mesmo ano, fui com Elisa para Salvador, apresentar um trabalho nosso no Colóquio Internacional sobre Poder Local. Lá, novamente, encontramos o Carrieri e ele, novamente, estava cercado de seus alunos. Também estava acompanhado de sua filha, Anita, na época com uns dez anos, talvez. Ela já seguia os passos do pai, não como acadêmico, lógico, mas como pessoa cuidadosa e afetuosa que ele é. Ela, criança, estava bastante entrosada com os adultos e era sempre muito gentil e educada. Me lembro que ela cuidava o tempo todo para que ninguém se perdesse, já que o grupo era relativamente grande para andar junto para lá e para cá. Ela vez ou outra fazia-nos parar para esperar alguém de quem ela se dera de que havíamos nos afastado. Ainda estávamos em Salvador quando o resultado da seleção na UFMG foi divulgado. Foi o Carrieri mesmo quem me deu a notícia! E me disse: “E agora? Vai fazer o quê com a casa, o trabalho, a cidade, a família e o marido?” E eu disse: “Vamos para Belo Horizonte!” Ele retrucou: “Se precisarem, fiquem em casa para procurarem algo para alugar e acertar as coisas”. Eu tinha visto aquela pessoa menos de meia dúzia de vezes e ele estava oferecendo a sua casa e de sua família para que eu me hospedasse com a minha. Mais tarde, descobri que tamanha generosidade não apenas era partilhada por sua esposa, como incentivada, pois ela sempre nos recebeu com muita gentileza, afeto e e comilança recheada de queijos, doces, pitangas e cagaitas.

Sobre minha chegada em Belo Horizonte, bem, as coisas não aconteceram como programadas inicialmente. Eu fui sozinha para lá. Meu marido, recém-formado, havia conseguido emprego em Itajaí, e precisávamos de alguém trabalhando para que nós pudéssemos nos manter. Na entrevista/arguição para a entrada no doutorado, eu havia me comprometido a iniciar e concluir o curso independentemente de ser, ou não, contemplada com alguma bolsa de estudos. Não foi necessário aceitar a gentileza do Professor Carrieri naquele momento, mas,

como fiquei na cidade por um pouco mais do que os quatro anos previstos pelo Programa, acabei aceitando seu convite mais tarde e, em 2017, fui hospedada por ele e Ana Rosa por cerca de seis meses (todas as vezes em que fui, semanalmente, para a cidade). Isso permitiu que eu me aproximasse ainda mais dele e de sua família, da qual me considero amiga e pela qual tenho imensa estima e afeto. Ana Rosa, pela elegância e despojamento que só a ela cabem e com quem aprendi muitas coisas, principalmente sobre ser feminista. Anita, pela paixão que temos em comum pelos animais, em especial, pelos gatos. Com Thomás, não convivi, pois ele estava fora quando estive em sua casa, mas ouvi histórias lindas sobre ele, sua doçura, perspectiva sobre as questões políticas, seu partidarismo e firmeza nos ideais.

Foram longas tardes de estudos e conversas. Aprendi tanto que jamais serei capaz de ensinar na mesma medida. Vi o Professor Carrieri fazer tantas coisas por seus alunos, desde tirar dinheiro do próprio bolso para comprar vales-transportes para alunos de iniciação científica até pagar o almoço de alguns de seus mestrandos e doutorandos. Ouvi-o dar conselhos a mim e aos colegas, sempre prevalecendo o bom senso e o cuidado com as questões humanas. Nunca o vi forçar um aluno a desrespeitar seus próprios limites, nunca o vi dizer que o trabalho estava acima da família e dos afetos. Sua grande habilidade, ao contrário, é a de potencializar nos seus alunos as habilidades que eles têm e, às vezes, até desconhecem. Ele instiga e faz emergir sentidos e lutas que já estavam em nós, mas que não acessávamos antes dele. Ele desperta causas em nós. Dos seus ex-orientandos que conheci, todos se envolveram em alguma luta, seja pelo acesso à educação por parte dos menos abastados, seja pelas questões feministas denegadas pela Administração, enquanto prática e enquanto saber, seja pelas questões de raça, trabalho, gênero. Vi os sujeitos entrarem de um jeito e saírem de outro. Saíam melhores do que antes (ao que me parecia), mas a partir daquilo que já dispunham. O maior e mais belo incentivo que já presenciei foi vê-lo atuando como um espelho do bem, para que nós nos assumíssemos em nossa essência, em nossas dores, e aí então, constituíssemos em nós o desejo pela pesquisa, como a construção social que ela é. Com pré-história, desenvolvimento e desfecho, sempre em função de um desejo humano, de um interesse. O que não a faz menos científica, só assume o que ela é, uma criação humana. Ele nos mostra que o comprometimento só pode vir se estiver impulsionado por algo de dentro de nós. Ele nos provoca. Faz o mais passivo dos sujeitos se tornar o representante ou agente de uma causa.

Um educador em essência. Daqueles que se aproximam do tipo freiriano, que pratica uma pedagogia capaz de estruturar um grupo, criar uma cultura, estimular a prática livre e crítica. Uma pedagogia que permite ensinar e aprender simultaneamente. Respeita as dimensões do sentido e da prática humana, sendo solidária aos sujeitos e às suas histórias. Um educador que cultiva e inspira a crítica à opressão e as lutas para libertar-se. Não que ele não nos faça olhar para o que não está bom em nós, pois é crítico e exigente, mas ele nos respeita e mostra que nossas lutas pessoais podem servir à ciência e à educação. Essa é a prática docente do Professor Carrieri, uma prática muito íntima dos preceitos de Freire (1967), o qual nos convida a pensar na importância do aprendizado e das discussões acerca das noções de trabalho e cultura, que considera a tomada de consciência transformadora e libertadora, significando a busca e o posicionamento, transmutando-os, muitas vezes, em lutas.

Mais do que qualquer outra coisa, o Professor Carrieri me ensinou a escutar, a respeitar e estar ali, com quem quer que pretenda aprender comigo alguma coisa, por mais simples que seja. E embora esse seja seu maior ensinamento para mim, nós também produzimos alguns trabalhos e seguimos na empreitada de fazer ciência tal como nos é cobrado. Seja por meio de coautoria, orientação ou incentivo, refletimos e produzimos conteúdos sobre o tráfico de órgãos (NATT, 2014), a mercantilização do corpo (NATT; CARRIERI, 2016a), o consumo da mulher de baixa renda (NATT *et al.*, 2017), as relações de gênero (SARAIVA; CARRIERI, 2015; NATT; CARRIERI; ECCEL, 2015; NATT; CARRIERI, 2016b), o problema da produção de energia no Brasil (NATT; ICHIKAWA, 2013a; NATT; CARRIERI, 2017), e estudos sobre os diferentes campos de forças e de lutas que envolvem a gestão em diferentes cenários, como a educação profissional, os circos e a siderurgia (NATT; ICHIKAWA, 2013b; NATT; AGUIAR, 2015; NATT *et al.*, 2018). Pensamos o uso de métodos e teorias (NATT; CARRIERI, 2014) e, após muitas e muitas conversas, construímos uma pesquisa sobre o Sistema Nacional de Transplantes no Brasil (NATT, 2017). Foram os anos mais ricos da minha vida, cada conversa, cada trabalho, por mais limitações que apresentem, foram um percurso de aprendizado e autoconhecimento. Descobri que, antes de conhecer o Professor Carrieri, eu ainda flutuava entre uma ideia ou outra, entre um posicionamento e outro, ou melhor, eu nem tinha muita ideia do que era me posicionar. Nem achava importante. A partir de nossas experiências, eu entendi que, para fazer valer a minha crença na educação e seguir na pesquisa, sendo mulher, era preciso que eu me posicionasse e que deixasse isso claro, sempre que possível. Assim, tornaria minha atuação mais ética e honesta, além de dar-lhe mais sentido.

## CONCLUSÃO

Qualquer colocação que eu possa fazer aqui soará repetitiva ou demasiada, então penso que é mais interessante falar de como foi essa empreitada de escrever sobre alguém em pleno exercício da profissão. A incrível ideia convida-nos à reflexão sobre quão importantes são aqueles que estão entre nós. Sobre como se faz necessário valorizar e reconhecer o trabalho de quem segue na luta diária por um mundo melhor. As homenagens, erroneamente, costumam ser póstumas, o que, se pensarmos friamente, só alcança os que ficam, e que, muitas vezes, nem mesmo podem compreender o sentido da homenagem, mesmo que se sintam honrados pelos seus. Homenagear quem pode acolher e compreender a intenção é uma iniciativa que merece ser parabenizada. O reconhecimento é algo precioso e a demonstração de gratidão pela obra, em vida, é um ato de sabedoria. Por isso, parabeno aos idealizadores desse trabalho, em especial ao Professor Doutor Luiz Alex Saraiva, não só pela iniciativa, mas principalmente pelo convite carinhoso e pelo zelo com o projeto.

Confesso que o processo não foi tão confortável quanto me pareceu num primeiro momento, pois a euforia instantânea do convite camuflou a responsabilidade de fazer algo de tamanha relevância. O que tentei fazer diante do desafio e da honra de estar entre os que escreveriam sobre o Professor Carrieri foi ser sincera. Falar sobre ele da maneira como o vejo, como reconheço sua pessoa e seu trabalho. O grande Carrieri, homem dos quase duzentos

artigos é muito mais do que o acadêmico nacionalmente reconhecido, é um educador que transforma vidas, que acredita na educação e na dialética. Que cria oportunidades e que apoia quem deseja seguir a carreira docente. É um profissional transparente e que valoriza a pesquisa, a educação e as pessoas. O que ele fez, faz e ainda vai fazer pela área de Estudos Organizacionais não cabe em um texto, mas deixo aqui a intenção de mostrar um pouquinho de quem tem essa capacidade de levantar bandeiras, mobilizar ações e encontrar encanto no ordinário. De quem faz a pesquisa enquanto prática, a docência enquanto luta.

No Brasil, a área de EOs foi, desde o início, cunhada por fortes, ousados e obstinados pesquisadores, e Carrieri também tem essas características, porém, dispensa lisonjas e cerimônias. O homem mais importante que eu conheci. A cabeça brilhante das mil ideias simultâneas. Que responde, ainda antes das oito, os e-mails que lhe enviamos às três da manhã (isso acontece muitas e muitas vezes). Ele devora (aqui ele dirá: “Nossa! Virei um devorador agora! Que monstro!”) os nossos escritos, corrige, argumenta, indica mudanças e melhorias, conversa com nossas frases e faz apontamentos. Faz surgirem mais e mais ideais. Difícil acompanhá-lo, mas prazeroso ver o desenvolver-se de cada pesquisa que ele instiga e apoia.

Com seu estilo próprio e sua capacidade de escuta, ele dá voz a muita gente, desde alunos até os mais ordinários cidadãos que lutam para sobreviver na complexidade do capitalismo. O Professor Carrieri teve a sensibilidade de enxergar no homem mais simples a capacidade organizativa. As estratégias de sobrevivência e permanência em cenários cada vez mais competitivos e com capitais concentrados nas mãos de poucos. Ele enxergou que não se tratam apenas de dominantes e dominados e que, entre esses extremos, há muito sobre o que ainda não sabemos e precisamos buscar conhecer. Nesse entre, estão as peculiaridades do mundo organizado, as estratégias mais eficientes e os saberes mais significativos para um maior número de pessoas. Ao não compreender a amplitude e significado de suas pesquisas, não se está compreendendo o quanto a administração, enquanto prática, perpassa cada detalhe da vida humana em sociedade. No mundo capitalista, o único que conhecemos, o organizar está em tudo e basta olhar para ver, a administração está lá, ainda que não a tenhamos nomeado como tal. Ao mesclar as relações de poder nos microuniversos, recorrendo aos trabalhos de Foucault, bem como lançar luz ao fazer cotidiano, tendo como referência Certeau, dando importância à prática do homem ordinário, Carrieri desafia a área a seguir rumos ainda mais profícuos e instigantes.

Em suma, é uma grande honra poder dizer que eu conheço, convivi, compartilhei e compartilho das ideias do Professor Carrieri, e, após tantas experiências e conselhos em tão curto espaço de tempo, sinto-me amiga do Alexandre, que nos momentos mais difíceis sempre aparece para dar aquele empurrão que faltava e aquele ombro amigo e apoio que só os bons de coração são capazes de dar. Repito, sem doçuras ou meias palavras, mas com muito, muito afeto. Pela vida, pelas pessoas, pela docência! Trata-se de um homem extraordinário, dado às delícias da vida ordinária. Um exemplo, difícil ou impossível de seguir, tamanha a autenticidade de que dispõe.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. R. C.; VILLAS BOAS, A. L.; CARRIERI, A. P.; ALENCAR, E. O processo de participação na associação de desenvolvimento comunitário dos produtores da Feira-Livre de Coração de Jesus. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 33-43, 1993.
- BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.
- BOURDIEU, P. O campo intelectual: um mundo à parte. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 169-180.
- BRETAS, P. F. F.; CARRIERI, A. P. Uma breve reflexão sobre epistemologias, teorias e métodos da prática social da resistência. **Espacios**, v. 38, p. 6, 2017.
- CARRIERI, A. P. Questão ambiental, agricultura e mudanças de paradigma: o ecodesenvolvimento, a agricultura sustentável e a biotecnologia. **Cadernos de Administração Rural**, Lavras, v. 9, n. 1, p. 1-20, 1997.
- CARRIERI, A. P.; AGUIAR, A. R. C. A transferência da gestão em unidades de produção familiar: a sucessão e a herança no bairro rural de Cardoso, município de Poço Fundo. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 101-111, 1995.
- CARRIERI, A. P.; AGUIAR, A. R. C. Sistemas de produção: um estudo de caso do bairro Rural de Dourado dos Lopes (Poço Fundo, MG). **Análise & Conjuntura**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2/3, p. 73-85, 1993.
- CARRIERI, A. P.; AGUIAR, A. R. C.; MOURA FILHO, J. A. O processo de gestão na produção familiar: um estudo de caso do sul de Minas Gerais. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 167-179, 1993.
- CARRIERI, A. P.; BASTOS FILHO, G. S. Um diagnóstico e a descrição dos sistemas de produção da Microbacia do Espraiado, Ribeirão Preto: um estudo de caso. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 24, n. 11, p. 9-17, 1994.
- CARRIERI, A. P.; CAVEDON, N. R.; LEITE-DA-SILVA, A. R. (Org.). **Cultura nas organizações**: uma abordagem contemporânea. Curitiba: Juruá, 2008.
- CARRIERI, A. P.; DINIZ, A. P. R.; SOUZA, E. M.; MENEZES, R. S. S. Gender and work: representations of femininities and masculinities in the view of women Brazilian executives. **Brazilian Administration Review**, v. 10, n. 3, p. 281-303, maio 2013.
- CARRIERI, A. P.; LIMA, J. B.; ANDRADE, J. G.; MOURA FILHO, J. A. Práticas agrícolas e práticas administrativas na configuração de sistemas de produção rural. **Cadernos de Administração Rural**, Lavras, v. 7, n. 2, p. 83-101, 1995.
- CARRIERI, A. P.; MONTEIRO, A. V. V. M. A agricultura sustentável e a biotecnologia: trajetórias tecnológicas e a (neo)territorialização no campo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 11-19, 1996.

CARRIERI, A. P.; PERDIGÃO, D. A.; MARTINS, P. G.; AGUIAR, A. R. C. A gestão ordinária e suas práticas: o caso da Cafeteria Will Coffee. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 12, e141359, 2018.

CARRIERI, A. P.; PIMENTEL, T. D.; CABRAL, A. C. A. O discurso e sua análise no enfoque foucaultiano da formação discursiva: um método de pesquisa nos estudos organizacionais. **Gestão.org – Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, v. 3, n. 2, p. 111-124, 2005.

CARRIERI, A. P.; SANTOS, J. V. P.; PEREIRA, V. F.; MARTINS, T. S. Pesquisa histórica em administração: a (re)construção identitária da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG). **Revista de Ciências da Administração**, v. 18, n. 46, p. 9-22, dez. 2016.

CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. (Org.). **Simbolismo organizacional no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2007.

CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A.; ENOQUE, A. G.; GANDOLFI, P. E. (Org.). **Identidade nas organizações**. Curitiba: Juruá, 2010.

CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A.; GRZYBOVSKI, D. (Org.). **Organizações familiares: um mosaico brasileiro**. Passo Fundo: UPF, 2008.

CARRIERI, A. P.; SARAIVA, L. A. S.; PIMENTEL, T. D.; SOUZA-RICARDO, P. A. G. (Org.). **Análise do discurso em estudos organizacionais**. Curitiba: Juruá, 2009.

CARRIERI, A. P.; SOUZA-RICARDO, P. A. G.; FABRI, B. (Org.). **Lado B[enjamin]**. Belo Horizonte: Crisálida, 2011.

CARRIERI, A. P.; SOUZA-RICARDO, P. A. G. (Org.). **Jogos e Sociedade**. Belo Horizonte: Crisálida, 2012.

CARRIERI, A. P.; TEIXEIRA, J. C.; NASCIMENTO, M. C. R. (Org.). **Gênero e trabalho: perspectivas, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais**. Salvador: UFBA, 2016.

CORREIA, G. F. A.; PEREIRA, H. G.; CARRIERI, A. P. O território da pipoca nos arranjos organizativos de trabalhadores ambulantes belorizontinos. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 15, n. 3, p. 228-241, 2019.

COUTO, F. F.; CARRIERI, A. P.; CKAGNAZAROFF, I. B. Participação na avaliação de políticas públicas: a pesquisa construtivista e a quarta geração de avaliação. **Gestão & Planejamento**, Salvador, v. 20, p. 36-55, jan./dez. 2019.

DINIZ, C. M.; JUNQUILHO, G. S.; CARRIERI, A. P. Sistema de gestão ambiental: Construção, fatores e atores. **Gestão & Planejamento**, Salvador, v. 1, n. 6, p. 71-86, 2002.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MACHADO, J. A. R.; CARRIERI, A. P.; FERREIRA, A. B. Custos de coleta de sementes

e da produção de mudas da Cabreúva-Vermelha, Bauru. **Informações Econômicas**, v. 25, n. 12, p. 37-46, 1995.

NATT, E. D. M. Mercantilização de órgãos humanos: esse tema interessa à administração? In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 38, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2014.

NATT, E. D. M. **Transplante de órgãos no Brasil**: uma análise à luz da biopolítica. 2017. 344 f. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. NATT, E. D. M.; AGUIAR, A. R. C. O campo da arte circense no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 39, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2015.

NATT, E. D. M.; BARBOSA, B. F.; VIEIRA, F. G. D.; CARRIERI, A. P. Baixa renda: o consumo simbólico e o comércio informal de acessórios femininos. **Revista Administração em Diálogo**, v. 19, n. 1, p. 138-163, 2017.

NATT, E. D. M.; BRETAS, P. F. F.; MOURA-PAULA, M.; CARRIERI, A. P. Gestão participativa: a prática em uma grande siderúrgica. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 12, n. 2, p. 102-116, 2018.

NATT, E. D. M.; CARRIERI, A. P. Energia hidrelétrica: a retórica da energia limpa. In: SARAIVA, L. A. S.; RAMPAZO, A. V. (Org.). **Energia, organizações e sociedade**. Recife: Massangana, 2017. p. 79-112.

NATT, E. D. M.; CARRIERI, A. P. A teoria da ação comunicativa nos estudos do corpo e corporeidade: possibilidades de avanço para a administração? **Perspectivas Contemporâneas**, v. 11, n. 1, p. 55-76, 2016a.

NATT, E. D. M.; CARRIERI, A. P. É para menino ou para menina? Representações de masculinidade e feminilidade. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 7, n. 1, p. 110-131, jan./jun. 2016b.

NATT, E. D. M.; CARRIERI, A. P. A teoria das representações sociais e a análise de conteúdo: instrumentos que se complementam na pesquisa em administração. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 29, n. 2, p. 66-89, 2014.

NATT, E. D. M.; CARRIERI, A. P.; ECCEL, C. S. Ser ou não ser: a reprodução do 'ideal' de masculinidade entre gestores brasileiros. **O Social em Questão**, v. XVIII, n. 34, p. 391-414, 2015.

NATT, E. D. M.; ICHIKAWA, E. Y. O simbólico em construções: estudando a vila barrageira da UHE Engenheiro Sérgio Motta à luz de Pierre Bourdieu. **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 36, p. 159-173, ago. 2013a.

NATT, E. D. M.; ICHIKAWA, E. Y. Práticas de subversão e resistência no campo da educação profissional. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 37, 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2013.

NATT, E. D. M.; SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Criação de banheiros LGBTs: inclusão ou prática discriminatória? **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 14, n. 1, p. 31-44, 2015.

OTANI, M. N.; CARRIERI, A. P.; ÂNGELO, J. A. Microbacia-piloto do Córrego de São Joaquim, Dira de Campinas, estado de São Paulo: um estudo comparativo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 47-60, 1996.

OTANI, M. N.; CARRIERI, A. P.; ÂNGELO, J. A.; CONSALTER, A. S.; BASTOS FILHO, G. S.; OLIVEIRA, S. J. M. Um exemplo de integração: estudo de caso da microbacia dos córregos Fortuna-Figueira-Palmeira. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 24, n. 12, p. 55-70, 1994.

OTANI, M. N.; CARRIERI, A. P.; ÂNGELO, J. A.; OLIVEIRA, S. J. M.; OKAWA, H. Diagnóstico Socio-econômico de MBHs: Dira de Campinas. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 55-68, 1995.

QUARESMA Jr., E. A.; CARRIERI, A. P. Cultura e organizações: para além da lacuna epistemológica. **Alcance**, v. 22, n. 4, p. 570-285, out./dez. 2015.

RODRIGUES, S. B.; CARRIERI, A. P.; LUZ, T. R. (Org.). **Tempos de desconstrução: evolução e transformação nas empresas**. Belo Horizonte: CEPEAD/FACE/UFMG, 2003.

SANTOS, J. V. P.; CARRIERI, A. P. Estratégia como prática e organizações familiares: um estudo sobre as famílias e os negócios na galeria do ouvidor em Belo Horizonte (MG). **Revista de Administração da Unimep**, v. 16, n. 3, p. 57-78, set./dez. 2018.

SANTOS, J. V. P.; CARRIERI, A. P.; OLETO, A. F. As práticas cotidianas de negócio dos catireiros da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. **Gestão & Regionalidade**, v. 35, n. 103, p. 245-260, 2019.

SANTOS, J. V. P.; COUTO, F. F.; CARRIERI, A. P. The Brazilian *catira*: identities and rationalities. **Acta Scientiarum. Human and social sciences**, v. 40, n. 3, e41793, 2018.

SANTOS, Z. A. P.; SOUZA, M. C. M.; CARRIERI, A. P. Pesquisa em sistema de produção: uma revisão. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 127-139, 1994.

SARAIVA, L. A. S.; ENOQUE, A. G.; CARRIERI, A. P. (Org.). **Sete Pecados Capitais nas organizações**. Salvador: UFBA, 2014.

SOUZA, E. M.; CARRIERI, A. P. A analítica *Queer* e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 3, p. 46-70, 2010.

SOUZA, M. M. P.; CARRIERI, A. P. Identidades, práticas discursivas e os estudos organizacionais: uma proposta teórico-metodológica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 1, p. 1-25, 2012.

TEIXEIRA, J. C.; OLIVEIRA, P. G.; TAVARES, N. V.; CARRIERI, A. P.; CAPPELLE, M. C. A. Dinâmica de distribuição de fontes de capitais científicos entre docentes / pesquisadores de um programa de pós- graduação Stricto-Sensu de uma universidade pública. **Avaliação**, v. 17, n. 1, p. 179-206, mar. 2012.

TEIXEIRA, J. C.; ZANOTELI, E. J.; CARRIERI, A. P. A importância dos clássicos na formação do pesquisador: o que nos diz os conceitos de socialização, identificação e campo intelectual como campo de poder. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 38, p. 154-171, abr. 2014.

VEIGA FILHO, A. A.; LOMBARDI NETO, F.; OTANI, M. N. ; CARRIERI, A. P.; ÂNGELO, J. A.; OLIVEIRA, S. J. M.; OGUIDO, N. Análise prospectiva do retorno econômico em conservação do solo numa microbacia hidrográfica piloto: proposta alternativa de desenvolvimento sustentável. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 49-56, 1996.

VIEIRA, A.; CARRIERI, A. P. (Org.). **Gênero e saúde na dinâmica do trabalho**: a saúde da mulher em foco. Curitiba: Juruá, 2016.

VIEIRA, A.; CARRIERI, A. P. Max Weber e a questão do método nas ciências sociais. **Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 1-32, 2001.

VIEIRA, A.; CARRIERI, A. P.; MONTEIRO, P. R. R.; ROQUETE, F. F. Gender differences and professional identities in health and engineering. **Brazilian Administration Review**, v. 14, n. 1, p. 1-21, maio 2017.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

**Elisângela  
Domingues  
Michelatto  
Natt**

Professora nos Cursos de Administração, Odontologia e Psicologia na Universidade do Vale do Itajaí. Pesquisadora no Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Psicóloga Clínica.